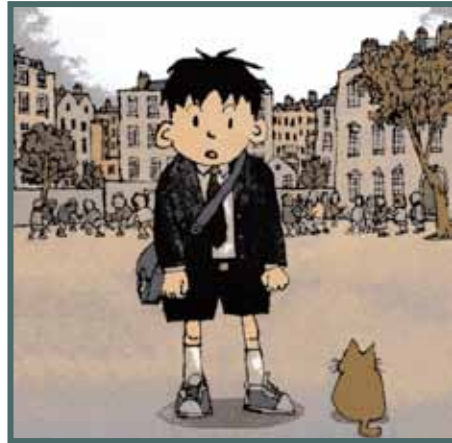


ERA UMA VEZ...

UM DIA DE ESCOLA NORMAL



Era uma vez um dia de escola. Normal.

Um rapaz como tantos outros acordou normalmente dos seus sonhos, levantou-se normalmente da cama, fez como normalmente um chichi, tomou normalmente o banho normal, vestiu a roupa normal, e tomou o pequeno-almoço normal. Esse mesmo rapaz lavou normalmente os dentes, despediu-se normalmente da mãe e saiu de casa em direção à escola, como normalmente fazia. Andou normalmente pelas mesmas ruas, passou normalmente pelas mesmas lojas e atravessou as mesmas avenidas, também normalmente, enquanto meditava normalmente nos mesmos pensamentos.

Ao chegar à escola, esse rapaz, igual a tantos outros, jogou futebol como era normal, exatamente com os mesmos amigos, até soar o toque das aulas. Como era normal. O rapaz, igual a tantos outros, entrou na sala habitual e sentou-se na sua mesa, como era normal. Foi então que aconteceu algo de absolutamente fora do normal...

— Bom dia a todos! — disse alguém, com um ar fora do normal, ao entrar de rompante na sala. — Eu sou o vosso novo professor e chamo-me Gee. Ainda não nos conhecemos uns aos outros, mas eu tive uma ideia que vai ajudar-me a conhecer-vos melhor... Nesta primeira aula, quero que ouçam música, que deixem que a melodia vos faça lembrar imagens e que essas imagens se soltem das vossas cabeças. Entendido? — ia dizendo o professor, enquanto distribuía uma folha de papel a cada aluno.

— O professor é estranho! É mesmo doido! Música? Desenhos? Qual é a ideia dele? — cochicharam os alunos uns para os outros, como normalmente faziam.

— Silêncio, fechem os olhos, abram bem os ouvidos e ouçam! — continuou o professor.

E a música começou a soar: ritmos retumbantes, ribombantes, por vezes ensurdecedores, que progrediam e se espalhavam por toda a sala. De repente, a música parou. Então, o professor disse:

— Ora digam lá o que a música vos fez lembrar!

Uma das raparigas respondeu, entusiasmada:

— Cavalos a galope!

Outro aluno disse:

— Não, era uma corrida de carros!

E o rapaz normal disse:

— Eu vi elefantes, professor, centenas de elefantes!

— Muito bem! — disse o professor, rindo-se. — Não acharam maravilhoso? Agora quero que cada um tente escrever na folha em branco o que ouviu. Vamos lá, todos a escrever!

E enquanto os ritmos progrediam e regrediam repentinamente, rodopiavam e voltavam a rodopiar, o rapaz normal escrevia. Por vezes, não entendia muito bem as palavras que utilizava e a história parecia não fazer sentido, mas isso não era importante e nem sequer o preocupou. Escrevia tão rápido quanto conseguia e, mesmo assim, sentia que precisava de escrever mais rápido ainda – havia tanto para dizer! Era como se existisse dentro da sua cabeça um dique que, de repente, ao abrir-se, a inundava de palavras... e as palavras divertiam-no como os brinquedos, e sentia-se mergulhado naquele jogo – o jogo de contar histórias. Era uma coisa extraordinária, fora do normal...

E os seus colegas? Alguns escreveram histórias sobre gigantes e outros sobre coisas mágicas. Algumas raparigas escreveram sobre raparigas corajosas e alguns rapazes escreveram sobre rapazes com cicatrizes mágicas que lhes davam grandes poderes. Uns escreveram muito pouco, porque a música não lhes fazia lembrar muita coisa... Houve quem escrevesse histórias que pudessem agradar aos professores... Uns transformaram-se em heróis, enquanto outros preferiram ser os malvados da história. E o Billy até adormeceu...

— Talvez esteja a sonhar! — disse o professor.

E, no final desse extraordinário dia de escola, o rapaz normal, como tantos outros, viu o professor entrar no seu carro.

— Professor — disse ele — esta foi a melhor aula que já tive. Nunca me tinha acontecido tal! Foi mágico!

— Continuas a pensar que eu sou doido? — perguntou o professor, a sorrir.

O rapaz normal, como tantos outros, corou até às orelhas.

— Estou ansioso por ler a tua história! — acrescentou o professor. — Até amanhã!

E desapareceu por entre uma nuvem de pó.

À hora de dormir, o rapaz normal, como tantos outros, vestiu o pijama normal, lavou os dentes e fez chichi, como normalmente fazia, deu um beijo à mãe, como era normal, e deitou-se

na sua cama normal...

E teve sonhos... extraordinários!



Colin McNaughton
Era uma vez um dia de escola normal
Lisboa, Ana Paula Faria Editora, 2005
(Adaptação)